

**E**stamos na primavera, o que não impede que Paris amanheça úmida, cinzenta e fria. Dentro do Twickenham, um *pub* inglês incrustado no coração do Boulevard Saint-Germain, parece divertido olhar além das janelas e apreciar as pessoas enfiadas em pesados casacos de lã. De repente, entre todos aqueles passos friorentos, é possível distinguir um vulto masculino, belo, esguio, peito apenas protegido (ou não) por uma levíssima camisa branca, com três botões superiores abertos. O rapaz desce a Rue de Saints-Pères a passos largos, revirando os cabelos negros, absolutamente desalinados. É ele, não há dúvida. Ainda mais quando a porta do Twickenham se abre e o vulto em questão brada, em voz alta e teatral: "Madame, je suis désolé!"

Por que desolado? Teria sido o atraso de algumas horas para este encontro com ELLE? Ou teria sido o fato de deixar uma jornalista estrangeira à sua espera, na mesa de um bar? Prontamente é preciso desculpar Bernard-Henry Lévy, o escritor francês do momento, intelectual polêmico, autor de dois romances de prestígio — *O Diabo na Cabeça* e *Os Últimos Dias de Charles Baudelaire*, já publicados no Brasil pela Editora Rocco —, além de uma série de livros dedicados à Filosofia. Aliás, como não agradecer a chance de entrevistá-lo num momento de tanta turbulência? Sim, o nome dele aparece hoje em quase todos os jornais e revistas da Europa, no centro de um acalorado debate sobre *As Aventuras da Liberdade* — o livro mais recente, que deu origem a um documentário já apresentado na televisão francesa.

Dois minutos de conversa tornam desprezível o atraso. Os compromissos são muitos, garante Bernard: com a tradicional editora Grasset, vizinha próxima deste *pub*; com a revista *La Regle du Jeu*, que ele próprio fundou e que já é apontada como a substituta natural de *Temps Modernes*, célebre publicação dirigida por Jean-Paul Sartre; com os projetos firmados para cinema e

teatro; enfim, o entrevistado senta-se à mesa e admite ter passado a noite em claro. Trabalhando. Pensando. Escrevendo.

Curiosamente, Bernard-Henry Lévy monopoliza as atenções nos meios intelectuais da Europa, da mesma forma como o faz no Twickenham Bar. Lá e aqui, ele tem a palavra. "Jacques! Quero um coquetel de frutas e algumas fatias de salmão. Rápido, estou morrendo de fome!" E o garçom apressa o pedido, providencia a mesa de sempre, o telefone para ligações urgentes, contenta todas as suas vontades. "Esta é a minha segunda casa", comenta o freguês ilustre, presença familiar às ruas de Saint-Germain-des-Prés.

# OLHOS NOS OLHOS

A primeira pergunta é dele: "Você leu meu livro?" O sim é passaporte para uma conversa franca com este filósofo de formação, escritor por vocação, polemista por paixão. Até se comenta, em Paris, que os livros de Bernard são um pretexto para o debate, o confronto acirrado de idéias. E ele não perde uma briga. "Estou plenamente convencido de que o intelectual, tal como o reconhecemos hoje, é uma invenção francesa", proclama. Pois esta é a premissa de seu último livro. A partir dela, escreveu toda uma história *subjetiva* do século XX, tentou entrar na cabeça e no coração daqueles que pensaram, digamos assim, o nosso tempo; de Émile Zola a Jean-Paul Sartre, de Paul Valéry a Michel Foucault, de Marcel Proust a Albert Camus, a galeria é imensa.

Mas por que filtrar todo um século através da subjetividade? Bernard repousa os talheres à mesa. A fome é grande, mas a sede de convencer ganha... "A subjetividade? Eu não a inventei! Ela é inevitável. Pois saiba que

**O filósofo Bernard-Henry Lévy encara o mundo com o talento de um grande pensador, a ousadia de um homem livre e o magnetismo de um ídolo do seu tempo**